

A DURAÇÃO DA VIDA DO MEU POVO SERÁ COMO OS DIAS DE UMA ÁRVORE (Is 65,17-25)

William Lacy Lane*

Resumo

Por meio de uma análise exegética do anúncio de salvação de Isaías 65, 17-25 procura-se refletir sobre o sentido da vida e longevidade na perspectiva da promessa. Em vez de procurar definir o referente histórico ou empírico dessa promessa em uma perspectiva semiótica discursiva, sugere-se que os temas, figuras e símbolos do texto constroem uma estrutura conceitual em que “lugar”, “tempo” e “pessoas” são concebidas não em termos de livramento e distanciamento temporal ou físico da situação de oposição. São entendidos como inserção e superação de situações conflituosas, e em termos de um ideal de vida no qual prevalece o desfrute do trabalho, a qualidade de vida, a longevidade, a relação harmoniosa com o criador e a paz entre criaturas antagônicas.

Palavras-chave: *Isaías. Sentido da vida. Longevidade. Promessa.*

Abstract

Through an exegetical analysis of the salvation's announcement of Isaiah 65, 17-25 we aimed to reflect on the sense of life and longevity in the perspective of the promise. Instead of defining the historical or empirical referent of that promise, through a discursive semiotic approach, is suggested that themes, figures and symbols of the text build a conceptual structure in which “place”, “time” and “people” are not designed in terms of temporal or physical releasing and detachment related to the situation of opposition. They are understood as insertion on the conflictive situations and their overcoming and in terms of a life ideal in which prevails the enjoyment of the work, the quality of life, the longevity, the harmonious relation with the creator and peace between opposing creatures.

Keywords: *Isaiah. Life sense. Longevity. Promise.*

* Mestre em Teologia pela Calvin Theological Seminary e Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Professor da Faculdade Teológica Sul-Americana.

Introdução

Em uma série de reportagens intitulada “Século 21 em ação”, o *Jornal do Brasil* analisou diversas tendências do mundo neste século e, dentre elas, o desafio da longevidade para a medicina e a sociedade. De acordo com a reportagem, o aumento da expectativa de vida está “[...] se configurando como uma das principais mudanças desse novo século”¹. No Brasil, segundo dados do IBGE, até 2012 já havia quase 30 mil pessoas com mais de 100 anos de idade.

Embora esses dados demográficos possam ser vistos com entusiasmo pelo fato de refletir o sucesso dos cuidados com a saúde e a segurança dos indivíduos na sociedade, eles apresentam um desafio à sociabilidade de cidadãos idosos, sua qualidade de vida, mobilidade, saúde e, principalmente, suas necessidades existenciais e percepção do sentido da vida na fase em que sua identidade não se define mais pelo trabalho, produção, consumo e projeção social. Diante desses desafios, como a compreensão bíblico-teológica da vida e da longevidade poderá contribuir para o enfrentamento das necessidades existenciais de uma comunidade idosa?

Neste artigo, pretende-se refletir sobre o sentido da vida e longevidade na perspectiva da promessa contida no anúncio de salvação do profeta Isaías (65,17-25). De maneira geral, na Bíblia Hebraica a velhice é retratada ora de forma negativa, ora positiva. Mas, a *grosso modo*, a idade avançada é vista como dádiva de Javé e resultado das condições e escolhas da comunidade e dos indivíduos as quais garantem a possibilidade de vida longa. Neste anúncio de salvação do profeta, a longevidade é prometida ao povo em geral.

Inicialmente faremos algumas considerações sobre a expectativa de vida e longevidade no Antigo Testamento como um todo, e, em seguida, concentraremos na análise do texto bíblico de Isaías 65,17-25 e a longevidade do povo.

1. Expectativa de vida e longevidade no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, em grande parte, a vida é descrita como o período entre o nascimento e a morte. É nesse espaço de tempo que o ser humano experimenta a vida em comunhão com Deus. Por outro lado, a morte representa exclusão da presença de Deus, como atestam os Salmos 115,17; 130,9. Por isso, a vida é retratada em termos de duração e qualidade. Desse modo,

A vida é boa quando é longa, próspera e vivida diante de Deus em paz (*šalôm*) na terra da promessa (Gn 47,9; Dt 30,20; Sl 23,6; 91,16). Por isso, o exílio é retratado como morte (Is 5,13-14). A melhor vida é a desfrutada na

1. AZEVEDO, G. *Século 21 em ação*: longevidade é desafio para a medicina e a sociedade. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2014/01/04/seculo-21-em-acao-longevidade-e-desafio-para-a-medicina-e-a-sociedade>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

comunidade do povo de Deus. Por isso, a morte prematura e ser eliminado dentre o povo de Deus é praticamente a mesma coisa (Ex 12,15; Lv 7,20; Ez 14,8)².

Esses dois componentes são essenciais para o desfrute da vida de forma plena. Por conseguinte, uma vida longa, porém isolada da comunidade ou em condições limitadas, não configura plenitude. Portanto, longevidade não é sinal absoluto de uma vida plena. Talvez, por isso mesmo, o Antigo Testamento não se importa tanto em registrar a idade da morte dos indivíduos, mas registra seus feitos e a qualidade de vida que tiveram. A exceção está nos registros genealógicos e, principalmente, na descrição do reinado de alguns dos reis de Judá. A partir desses registros é possível ter uma ideia da expectativa de vida, pelo menos, durante um período da história do povo de Israel.

O que se sabe sobre a expectativa de vida no Antigo Testamento pode ser deduzido principalmente de registros da morte de um indivíduo. Estes registros se encontram primordialmente nas genealogias e em Crônicas em relação à morte dos reis da dinastia davídica. De acordo com um levantamento da idade de quatorze reis de Judá, a duração da vida varia entre 21 e 66 anos, portanto, uma média de 44 anos. Segundo Wolff,

[...] se nos lembramos que os príncipes gozavam de cuidados especiais quando lactentes e crianças e na idade adulta os reis eram protegidos melhor do que a maioria dos demais membros do povo, deveremos fixar a duração média da vida como bem mais baixa, principalmente por causa da elevada mortalidade infantil³.

Nenhum rei passou dos 70 anos, exceto Davi, conforme 2Sm 5,4. Por isso, quando o Sl 90,10 diz que os anos de vida chegam a 70 e, havendo vigor, aos 80, refere-se a idades extremas.

Há diversas expressões hebraicas para descrever a longevidade. As principais são: *'ōrek yāmîm* (“extensão de dias”); *yāmîm rabbîm* (“muitos dias”); *šēba' yāmîm* (“saciado em dias”); *mēlē' yāmîm* (“pleno de dias”); *bā' bayyāmîm* (“avançado em anos”); e *šēbâ tōbâ* (“boa saciedade”). Há também formas verbais como *ha'ārēk yāmîm* (“estender os dias”); *harbôt yāmîm* (“aumentar os dias”); e *hōsēp yāmîm* (“acrescentar dias”)⁴. Além dessas expressões, há várias outras para indicar o indivíduo idoso: *iš šēba'* (“homem de cabelos grisalhos”); *zaqen* (“homem de barba”, “velho”); *mēlē' yāmîm* (“pleno de dias”)⁵.

2. ALEXANDER, T.D.; ROSNER, B.S. *Novo dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Vida, 2009, p. 1.253.

3. WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 190.

4. HARRIS, J.G. Old Age. In: FREEDMAN, D.N. (org.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v. 5, p. 11.

5. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 191.

Todas essas expressões denotam o tempo de vida e avanço da idade. Contudo, convém ressaltar o sentido atribuído à idade avançada no Antigo Testamento. Nesses termos, verificamos que a idade avançada é descrita tanto como limitada quanto honrada.

Desse modo, o velho perde a possibilidade de se casar (Rt 1,12) e gerar filhos (Gn 18,12.13; 2Rs 4,14). Neste período aparecem cabelos brancos, os olhos são enfraquecidos (1Sm 3,2), há restrição de mobilidade (1Rs 1,1.15), corre-se o risco de queda (1Sm 4,18), a morte se aproxima (Gn 19,31; 24,1), a liderança é transferida para a geração mais jovem (Js 13,1; 1Sm 8,1; 1Cr 23,1)⁶. Por outro lado, o idoso também ocupa posição de respeito na comunidade (Lv 19,32; Pr 23,22).

Portanto, vida longa está essencialmente ligada a dois fatores. De um lado, de forma incondicional, a vida longa é uma dádiva de Deus, mas, de outro, depende da obediência à aliança e ao temor do Senhor, o qual conduz à sabedoria e entendimento. Por conta desse fator, a longevidade se caracteriza como promessa e está frequentemente presente nos anúncios de salvação dos profetas.

2. Isaías 65,17-25

2.1. A unidade literária

Isaías 65,17-25 pode ser considerada uma perícopé por ser um anúncio de salvação e compor uma unidade literária, discursiva e de gênero, que possibilita essa análise em separado. As principais questões exegéticas na discussão sobre a delimitação suscitam três problemáticas específicas. A primeira diz respeito à divisão do capítulo 65. Para alguns autores o capítulo todo é uma unidade, para outros, ele pode ser dividido em duas ou mais unidades, sendo os v. 17-25 uma delas. A segunda questão é a que trata do início da perícopé. Pressupondo que esses versículos compõem uma unidade própria, a questão é se essa unidade começa a partir do v. 16, do v. 16b ou do v. 17. E a terceira diz respeito ao término da perícopé. Para alguns, a unidade se estende até o 66,4 ou 66,5.

Paul Hanson considera todo o capítulo como uma alternância entre palavras de juízo (v. 1-7.11-12, parte de 13-15) e palavras de promessa (v. 8-10, parte de 13-15.16-25), e entende que o capítulo como um todo é uma unidade originalmente independente. Por outro lado, reconhece também a originalidade dos versículos 16b-25 como última unidade sobre a salvação⁷.

6. HARRIS, R.L.; ARCHER Jr., G.L.; WALTKE, B.K. *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 403.

7. HANSON, P.D. *The Dawn of apocalyptic: the historical and sociological roots of Jewish apocalyptic eschatology*. Philadelphia: Fortress, 1979, p. 134-135, 145. Cf. CROATTO, J.S. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 3, p. 309.

Contudo, há certo consenso de que Is 65,[16]17-25 constitui uma unidade literária dentro da unidade maior dos versículos 1-25. Mesmo quem considera que a “[...] questão da unidade literária desta passagem [65,1-25] continua sem resposta”, reconhece que o capítulo 65 pode ser lido harmoniosamente de início ao fim como um anúncio de juízo e salvação⁸. Os v. 1 a 16 são considerados um anúncio de juízo e os v. 17-25, um anúncio de salvação. Nesses termos, as principais razões de se considerar os v. 17-25 como uma unidade distinta são o gênero literário e a mudança dos destinatários.

A principal problemática em relação ao início da perícopé diz respeito à inclusão do v. 16 como parte da unidade. Há quem proponha o início da perícopé no v. 16b⁹. Neste caso, o anúncio da criação do novo céu e nova terra se constitui a razão de se esquecer das coisas passadas. Outros, porém, entendem que a perícopé só inicia no v. 17 e a conjunção *kî* no início do versículo não tem a função causativa¹⁰.

A outra questão diz respeito ao término da perícopé. Diversos autores consideram o v. 25 como encerramento da unidade. Por outro lado, outros entendem que o anúncio avança até o 66,4¹¹, ou até o 66,5¹². A definição desse limite está mais relacionada à temática das unidades do que a questões de gênero, redação ou gramática. A inclusão do 66,1-4(ou 5) na perícopé favorece a interpretação do anúncio da restauração de Jerusalém e a condenação da classe sacerdotal que buscava o restabelecimento do templo e seus rituais. O tom de desprezo pelo templo como lugar da habitação de Javé do 66,1-4 reforçaria a ideia do 65,24 de que Javé responderá ao clamor do povo sem a mediação de sacrifícios, sacerdotes e templo.

Baseada em argumentos gramaticais, estilísticos, discursivos e de gênero literário, os v. 17-25 formam uma unidade literária distinta, um anúncio de salvação, cuja introdução é formada pelos v. 1-16¹³. A unidade pode ser traduzida da seguinte forma:

8. SCHRAMM, B. *The opponents of third Isaiah: reconstructing the cultic history of the restoration*. Sheffield: Sheffield Academic, 1995, p. 154.

9. WESTERMAN, C. *Isaiah 40-66: a commentary*. Philadelphia: Westminster, 1969, p. 406; SCHÖKEL, L.A.; SICRE-DIAZ, J.L. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 397.

10. BLENKINSOPP, J. *Isaiah 56-66: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 2003, p. 283; CHILDS, B.S. *Isaiah*. Louisville: Westminster John Knox, 2001, p. 537; KOOLE, J.L. *Isaiah III*. Volume III: Isaiah 56-66. Leiden: Peeters, 2001, p. 446; WILKEN, Robert L. (org.). *Isaiah: interpreted by early Christian and medieval commentators*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007, p. 509.

11. NAKANOSE, Shigeyuki. Novos céus e nova terra (Is 65,17-66,4). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 65, 2000, p. 48.

12. WATTS, J.D.W. *Isaiah 34-66*. Waco: Word, 1987, p. 351.

13. Cf. LANE, W.L. *Salvação integral: uma análise sêmio-discursiva de Isaías 65,17-25*. 2011. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia/Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2011, p. 140-145.

- 17a** Vejam! Eu estou criando um novo céu e uma nova terra,
17b assim, as coisas passadas não serão lembradas nem virão à mente.
18a Pelo contrário, alegrem-se e regozijem-se para sempre no que estou criando,
18b pois estou criando Jerusalém para regozijo e o seu povo para alegria.
19a Por isso me regozijarei por causa de Jerusalém e me alegrarei por causa de meu povo.
19b Então, não se ouvirá mais nela som de choro nem de clamor.
20a Não sairá mais dali criança [que viva] poucos dias, nem velho que não complete os seus dias.
20c Pois o que morrer aos cem anos será considerado ainda jovem, mas o que não alcançar cem anos será amaldiçoado.
21a Eles construirão casas e habitarão nelas, plantarão vinhas e comerão do seu fruto.
22a Não construirão para outro morar, não plantarão para outro comer.
22b pois o meu povo viverá tanto quanto a árvore e os meus escolhidos aproveitarão das obras de suas mãos.
23a Não se esforçarão em vão nem gerarão filhos para a desgraça
23b pois eles são descendência bendita de Javé e seus rebentos estarão com eles.
24a Antes de clamarem, eu responderei,
24b eles estarão ainda falando e eu os ouvirei.
25a O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão comerá capim como o boi,
25b mas a comida da serpente será o pó.
25c Não farão mal nem dano em todo o meu santo monte, diz Javé.

2.2. Segmentos

Embora sendo uma unidade literária, a perícopes de Isaías 65,17-25 pode ser subdividida ou segmentada por critérios diversos. Autores divergem no modo exato de se dividir, naturalmente, porque adotam também critérios distintos. Croatto, por exemplo, encontra as seguintes unidades no texto: v. 17-19.20.21-22.23.24.25. Watts, de maneira semelhante, divide-o em v. 17-19.20.21-22a.22b.23.24-25¹⁴. Westermann divide em v. 16b.17-18.19b-24.25¹⁵. Delitzsch divide em v. 17-19.20.21-23.24.25¹⁶.

Na presente análise, identificamos o primeiro segmento como v. 17-19a, pois nesses versículos o sujeito da primeira pessoa singular se repete várias vezes na forma da interjeição *hinnēnî* com o sufixo da primeira pessoa, o verbo “criar”

14. WATTS, *Isaiah 34-66*, p. 349-350.

15. WESTERMANN, *Isaiah 40-66*, p. 407-409.

16. DELITZSCH, F. *Biblical commentary on the prophecies of Isaiah*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954, p. 489-491.

encontra-se três vezes (v. 17a.18a.18b) e o enfoque da passagem está no céu e terra e em Jerusalém, objetos do verbo criar.

Os versículos seguintes se concentram na descrição da vida nesse espaço criado. De acordo com Westermann, v. 19b pode ser considerado o início desse segmento, uma vez que ali já contém a descrição desse lugar. Este segmento se estende até o v. 24. O verbo “ouvir” demarca estilisticamente essa unidade (v. 19b, v. 24b). Não se ouvirá choro nem clamor, porém Javé ouvirá o seu povo antes de clamar. O v. 25 encerra a unidade evocando a figura de Isaías 11,6 para descrever a paz e harmonia da restauração no “meu santo monte”.

O primeiro segmento, portanto, trata do objeto do criar divino. Javé cria “um novo céu e uma nova terra” (v. 17a) e cria “Jerusalém para regozijo e o seu povo para alegria” (v. 18b). Nota-se que o verbo criar no particípio ativo (*bôrēh*) ocorre três vezes nesses versículos (v. 17a.18a.18b) e a raiz das expressões “alegria” e “regozijo” também ocorrem três vezes, sendo uma forma no imperativo (*śîśu, w^egîlû*, v. 18a), no substantivo (*gîlâ, māsôs*, v. 18b) e no verbo perfeito da primeira pessoa (*galtî, sâstî*, v. 19a). O espaço “novo céu e nova terra” e “Jerusalém” são objetos do agir criador de Javé e fonte de alegria e regozijo. Contudo, ao mesmo tempo em que Jerusalém é paralelo a céu e terra, como espaço criado por Javé, está também em paralelo com “seu povo” (v. 18b) e “meu povo” (v. 19a).

O segundo segmento descreve a vida nesse novo espaço criado por Javé. Ele caracteriza o espaço, chamado inicialmente de “ali” (v. 20a) e, no final, de “meu santo monte” (v. 25b). O “ali” é uma referência ao novo céu e nova terra (v. 17) e Jerusalém (v. 18). Esse espaço, além de ser qualificado pelas ações do sujeito como lugar de vivência do povo, é também identificado como lugar do “meu povo”, “meus escolhidos”. Lugar também marcado pela ausência da prática do mal e destruição (v. 25b). Portanto, lugar claramente delimitado, restrito e excludente, porém lugar de experiências plenas de vivência e longevidade.

2.3. *Problemática*

A problemática histórico-crítica em torno dessa passagem discute o referencial de espaço, tempo e pessoas do anúncio do profeta. Quanto ao espaço, a questão é se o profeta anuncia uma restauração cósmica (novo céu e nova terra) ou local/histórica (Jerusalém). A questão temporal discute elementos da realização histórica, escatológica ou apocalíptica. Por fim, a problemática das pessoas discute os beneficiários da promessa.

Westermann entende que “novos céus e nova terra” representa uma hipérbole isolada aqui, provavelmente também isolada de seu contexto original, mas

acrescentada aqui (junto com v. 25) para dar um sentido apocalíptico à restauração de Jerusalém¹⁷.

Croatto, assim como Westermann, observa a mudança do enfoque dos céus e da terra para Jerusalém, porém, ao contrário de Westermann, Croatto não considera isso uma inconsistência, mas uma transição que “produz-se elegantemente um deslizamento de sentido, da criação de céus e terra à criação *de Jerusalém e seu povo*, de tal modo que o verdadeiro tema do oráculo não é a recriação cósmica, mas *a da cidade*”¹⁸.

Croatto entende as figuras e expressões como “simbólicas e utópicas”, por isso, não interpreta a passagem em perspectiva apocalíptica, embora acredite que fosse usada posteriormente por autores apocalípticos. Ele interpreta a expressão “novos céus e nova terra” como referência à “transformação da realidade *histórica*”¹⁹.

Ao contrário de procurar definir o referente histórico ou empírico dessa linguagem, e numa perspectiva semiótica discursiva, sugere-se que os temas, figuras e símbolos do texto constroem uma estrutura conceitual em que “lugar”, “tempo” e “pessoas” são concebidas não em termos de livramento e distanciamento temporal ou físico da situação de oposição, mas de inserção e superação de situações conflituosas, e de um ideal de vida em que prevalece o desfrute do trabalho, a qualidade de vida, a longevidade, a relação harmoniosa com o criador e a paz entre criaturas antagônicas.

Nessa perspectiva, esta análise sugere que a vida descrita nesse novo espaço e tempo se caracteriza essencialmente por uma vida integral e integralizada com seu meio. A figura da longevidade do povo (v. 20.22) não se resume ao período de anos, mas, sobretudo, à qualidade de vida.

2.4. *Análise da perícope*

A análise da perícope se concentrará inicialmente em identificar e descrever como pessoas, tempo e espaço são caracterizados no texto. Tomando-se como base a segmentação da perícope, a análise focará os v. 19b-25, os quais descrevem a vida na nova realidade criada conforme v. 17-19a.

Após essa análise inicial, o segundo passo será investigar o conteúdo da promessa contida no anúncio de salvação, particularmente, a descrição do bem-estar do povo na nova realidade criada.

17. WESTERMANN, *Isaiah 40-66*, p. 408-409, 410. Cf. opinião contrária em BLENKINSOPP, *Isaiah 56-66*, p. 285.

18. CROATTO, *Isaias*, p. 341.

19. CROATTO, *Isaias*, p. 342.

2.4.1. Caracterização de Pessoas, Tempo e Espaço

Pessoas

O sujeito dominante nesses versículos é o da terceira pessoa do plural “eles”. No v. 21, eles “construirão”, “habitarão”, “plantarão” e “comerão”; no v. 22, “não construirão”, “não plantarão” e “desfrutarão”; no v. 23, “não se esforçarão” e “nem terão filhos”; no v. 24, “antes de clamarem” e “estarão ainda falando”; no v. 25, “pastarão juntos”.

Com exceção do v. 25, onde se explicita o sujeito (lobo e cordeiro), esse sujeito da terceira pessoa não ocupa uma função de personagem nesse segmento, porém, o referente mais provável do sujeito desses verbos é o conjunto de sujeitos do v. 20, “criança”, “velho” e “jovem”. Provavelmente, a menção de criança, jovem e velho é recurso literário poético para denotar a população desde o mais jovem até o mais velho.

O sujeito “eles” dos v. 19b-24 representa o povo de Deus (“meu povo”, v. 19a), a população de Jerusalém (“o seu povo”, v. 18b) dos v. 17-19a. O v. 22b explicita esse sujeito repetindo a expressão “meu povo” em paralelo a “meus escolhidos”. E é este versículo que se refere à longevidade do povo.

Naturalmente, esse sujeito também é caracterizado como pessoas que trabalham (constroem, plantam; v. 21-22), geram filhos (v. 23a), desfrutam do trabalho (v. 22c) e clamam a Javé (v. 24), denotando também sua religiosidade. Eles têm vida longa (v. 20.22b), mas a longevidade é prazerosa, não representa fragilidade; pelo contrário, é comparada à solidez, vivacidade e firmeza de uma árvore (v. 22b).

Tempo

Os verbos estão no futuro. Isso por si só já define as ações como futuras, ainda não concretizadas. Entretanto, não é apenas o tempo verbal futuro que evoca a temporalidade do texto. Isso está também explícito no nível discursivo através das ideias dos poucos dias da criança, dias completos do velho, os cem anos (v. 20), da longevidade como a árvore (v. 22).

Mas essas referências também denunciam uma ausência da temporalidade. Em certo sentido, essas expressões relativizam o tempo, pois ter cem anos é ser jovem. Criança não vive poucos dias²⁰. O v. 24 reflete essa relativização quando diz que a resposta de Javé vem antes do clamor; Javé vai ouvir enquanto o povo ainda fala.

20. Cf. DELITZSCH, *Biblical commentary on the prophecies of Isaiah*, p. 489; CALVIN, J. *Commentary on the book of the prophet Isaiah*. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1853, v. 4, p. 400.

Essas referências caracterizam a temporalidade como estável e estática, praticamente, qualificada como atemporal. Os referenciais que marcam a temporalidade ('dias' e 'anos') são relativizados.

Espaço

A passagem (v. 20-25), além de descrever esse sujeito, tem essencialmente a função de caracterizar o espaço, chamado inicialmente de "ali" (v. 20a) e, no final, de "meu santo monte" (v. 25b). O "ali" é uma referência ao novo céu e nova terra do v. 17 e Jerusalém (v. 18).

Esse espaço, além de ser qualificado pelas ações do sujeito como lugar de vivência do povo, é também identificado como lugar do "meu povo", "meus escolhidos". Lugar também marcado pela ausência da prática do mal e destruição (v. 25b). Portanto, lugar claramente delimitado, restrito e excludente, porém, lugar de experiências plenas de vivência e longevidade.

2.4.2. Conteúdo da Promessa: qualidade de vida e longevidade

Nesta breve análise do texto observa-se que a realidade descrita nos v. 19b-25 está essencialmente caracterizada por uma vida plena e em harmonia com a realidade que se vive. Essa plenitude de vida, portanto, se caracteriza por sua qualidade e longevidade.

A qualidade de vida do povo na nova realidade é retratada principalmente por meio das condições de vida da criança, do jovem e do velho. O v. 20 começa com um verbo cujo sujeito é indeterminado: "Não sairá mais dali..." (*lō' yihyeh miššām 'ôd*). A locução adverbial *miššām* aponta para o "novo céu e nova terra" e "Jerusalém" dos v. 17-19a. Os versículos seguintes descrevem como será a vida nessa nova realidade. Pode-se dizer que o v. 19b-20 descreve um estado de vida da população, os v. 21-23 descrevem as atividades e ações dos indivíduos, o v. 24 descreve a relação dos indivíduos com Javé, reintroduzindo o sujeito da primeira pessoa do anúncio de salvação (v. 17-19a), e o v. 25, ainda que descrevendo também as ações dos indivíduos, agora figurativizadas nos animais, sintetiza os componentes fundamentais dessa nova realidade.

Os termos "criança", "jovem", "velho" evocam conceitos de tempo de vida, maturidade, vigor e plenitude de vida. O v. 20 qualifica os habitantes da nova criação usando duas figuras que representam extremos opostos do espectro da vida: a criança e o velho. A criança, de um lado, ameaçada pelas condições de vida, morre prematuramente. O velho, por outro lado, devido às situações de conflito, pobreza e exploração, corre o risco de não completar os seus dias. Na nova ordem, não só a criança sobreviverá, mas também o velho será chamado jovem.

O termo usado para criança (*'ûl*) só ocorre neste texto e em Isaías 49,15. Ambos estão associados à mensagem de esperança e consolo de que Javé cuidará de seu povo. Isso se contrasta com o uso mais frequente de *'ôlêl* e *'ôlâl*, aparentemente da mesma raiz, para designar criança pequena ou que é amamentada. Os termos são mencionados em contexto de juízo, guerra, ira de Deus e destruição, sendo as crianças vítimas de morte (1Sm 15,3; 22,9; Lm 2,11; 19; 4,4; Is 13,16; Mq 2,9)²¹.

Independentemente dos termos usados, a criança denota esperança. Em momentos cruciais e decisivos da história do povo de Israel, os autores bíblicos lembram ou anunciam o nascimento de uma criança que trará esperança de mudança para a nação. Moisés, Samuel, Obed, filho de Rute e Booz, e Emanuel, na profecia de Isaías, representam alguns dos relatos de nascimento que traz esperança para o povo. Essa esperança só se concretiza se a criança que é amamentada tiver chance de sobrevivência e puder chegar a completar os seus dias.

Ao contrário desses relatos, nesta perícopa, não há evidência de um messianismo, isto é, não se trata de uma expectativa do nascimento de um libertador. A criança aqui não é uma criança particular, objeto da esperança de Israel. Apesar de o termo estar no singular, a alusão é a toda criança que nascer. A promessa consiste da esperança de que a nação não será extinta pela mortalidade precoce de crianças recém-nascidas. A redução da mortalidade infantil decorrente do cessar da guerra e da opressão traz esperança de uma nova sociedade.

Se de um lado a criança representa a fragilidade da população, do outro, o velho não está menos sujeito ao risco de morte. Contudo, o texto descreve a nova realidade como o tempo em que o velho (*zaqen*) poderá completar os seus anos. A figura está associada à ideia de realização e cumprimento. A idade avançada representa uma vida que se completa, que não é encerrada abruptamente.

Expressões como “boa saciedade” (*šêbâ tōbâ*, Gn 15,15; 25,8; Jz 8,32; 1Cr 29,28, RA) e “saciado em dias” (*šēba` yāmîm*, Gn 35,29; Jó 42,17; 1Cr 29,28), citadas em contexto de morte, dão ideia de uma vida que completou o seu tempo²². À semelhança de Zacarias 8,4, o “velho” em contraste com a “criança” representa uma vida plena e circunstâncias de paz que possibilitem que o velho chegue à idade avançada.

Apesar de a literatura sapiencial retratar a velhice como tempo de sabedoria (Jó 12,12; Sl 119,100), essa conotação não está presente aqui. Antes, o texto faz

21. BOTTERWECK, G.J., RINGGREN, H.; FABRY, Heinz-Josef (orgs.). *Theological dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, v. 10, p. 521.

22. BOTTERWECK, G.J. *Theological dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980, v. 4-5, p. 124-125. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 178-179.

uso dessa linguagem e figura para representar a longevidade que só é possível em tempo de paz²³.

O termo jovem (*na'ar*) qualifica aquele que morre aos cem anos. Lembra o vigor, a disposição e a ideia de ter toda uma vida pela frente para ser desfrutada. Os “cem anos”, que simbolizam uma idade plena, são na nova ordem símbolo de juventude. Portanto, sugerem um alargamento da expectativa de vida da população.

O texto, como é próprio do anúncio de salvação, consiste de uma promessa, isto é, do anúncio de uma realidade que está por acontecer. Justamente por isso, ela se contrasta com a realidade presente, histórica, empírica da comunidade. Através das figuras e descrições da vida “ali” podemos inferir a situação de vida da comunidade do profeta e podemos também compreender os anseios e expectativas do povo no sentido de superação da situação conflituosa em que viviam. Segundo Croatto o v. 20 retrata,

[...] uma realidade ‘imaginária’, cuja projeção diante dos olhos do ouvinte reafirma sua confiança na mudança de situação, cuja concretização deveria transferir-se naturalmente a outros planos, como o econômico, social e cultural. Mas não é menos importante destacar que a visão imaginária do futuro está falando precisamente de outra situação oposta *atual*²⁴.

Dessa maneira, o anúncio de salvação e esperança é implicitamente um juízo contra uma situação existente. Denuncia as condições que ameaçam a vida. Portanto, a primeira condição para que o *zagen* “complete os seus dias” (v. 20) é a manutenção da boa qualidade de vida e a eliminação de fatores sociais, econômicos, políticos que ameaçam a vida de crianças, jovens e velhos.

O outro elemento característico da vida plena é a longevidade do povo. Essa ideia se encontra na figura da árvore no v. 22b. A árvore como analogia da vida humana denota não só longevidade, mas um futuro bem-sucedido. Assim é retratada em Is 57,5; Jr 17,8 e Sl 1,3; 52,10; 92,13. A comparação do homem bem-aventurado com a árvore plantada junto às águas em Sl 1,3, de modo que tudo que ele faz será bem-sucedido, reforça essa perspectiva de que o simbolismo da árvore não se limita à longevidade, mas à garantia de uma folhagem sempre verdejante e viçosa, isto é, de uma vida digna, honrosa e bem-sucedida²⁵.

A vida longa está marcada pelo desfrute do trabalho das mãos. O povo (“os escolhidos”) “aproveitarão” do fruto do seu trabalho. O verbo traduzido por “aproveitarão” é o *piel* do verbo *bālâh*. No *qal* o verbo tem o sentido de “tornar-se velho, desgastar-se”, geralmente usado no sentido de gastar, desgastar. A

23. BOTTERWECK, *Theological dictionary of the Old Testament*, p. 125.

24. CROATTO, *Isaias*, p. 344.

25. KOOLE, *Isaiah III*, p. 460.

LXX traduziu o verbo neste versículo por *palaiōsousin*, “eles envelhecerão”²⁶. Este mesmo verbo é usado em Isaías para descrever como o céu e a terra se desgastarão como uma vestimenta (Is 50,9; 51,6, 8). No entanto, o uso no *piel* pode denotar prazer, desfrute, como também em Jó 21,13. A ideia é que a longevidade não se define pelo número de anos vividos pelos indivíduos, mas pela capacidade de desfrutar do bem que adquiriu, do trabalho que realizou.

A figura de construir casa para outro morar ou plantar vinha para outro desfrutar sugere uma situação de dominação em que a propriedade era tomada pela nação invasora ou por exigência de tributo. Contudo, nem sempre significava a opressão de uma nação estrangeira, mas podia também significar exploração e exigência de tributo da realeza sobre o povo.

Contudo, a situação de invasão estrangeira também está relacionada à brevidade da vida. As maldições de Dt 28,20-36, particularmente, v. 30 e 33 indicam que desobediência e quebra da aliança implicarão na perda do benefício de desfrutar do seu próprio trabalho, da moradia e da esposa (cf. Am 5,11; Mq 6,15-16). As maldições ocorrerão em consequência da desobediência e resultará em morte ou pestilência.

Portanto, viver muitos anos dependia não só das condições de vida como também da situação social, política e religiosa da nação. A estabilidade política, o bem-estar social e a fidelidade à aliança propiciavam não só as condições favoráveis para que as crianças crescessem e os velhos completassem os seus dias, como também permitia que o trabalhador gozasse do fruto do seu trabalho. O sentido da longevidade está associado à possibilidade de desfrute do bem pelo qual se esforçou durante a vida.

2.5. Releitura

Uma sociedade pós-moderna livre, em que as relações de poder e exploração não estão tão verticalizadas e institucionalizadas, uma sociedade que tem procurado valorizar a liberdade, a igualdade, o direito à individualidade – por mais que esses valores ainda não tenham sido absolutizados na sociedade e cultura –, não é necessariamente uma sociedade em que as pessoas vivenciam formas plenas de vida. Pelo contrário, há certa ironia ao fato de que avanços tecnológicos que visam oferecer melhor qualidade de vida às pessoas, facilitar e agilizar o trabalho, diminuindo, assim, o esforço físico e manual, além da tecnologia das redes sociais, da comunicação e informação, e do transporte que visa diminuir a distância e o tempo entre as pessoas e a execução de tarefas, esses avanços têm alienado o indivíduo do fruto de seu trabalho, do seu próximo e do próprio Deus.

26. BOTTERWECK, *Theological dictionary of the Old Testament*, p. 130.

Diante desse quadro, o que o profeta tem a instruir, denunciar ou anunciar à comunidade de fé de hoje? Qual é a mensagem de salvação que se proclama ao homem e à mulher pós-modernos, urbanizados, tecnocratas (e *tecnólatras*), virtualizados e com alto grau de relativização do tempo e do espaço? Ao mesmo tempo, esse indivíduo é altamente autocentrado, autofocado, em busca do sucesso pessoal e individual, que idolatra a estética e a forma do corpo (talvez, muito mais que a sua saúde), e aprende associar realização pessoal e profissional a uma autovalorização do seu “perfil”. Um indivíduo acentuadamente materialista e consumista, que associa ao bem material sua própria identidade pessoal e ascensão social.

Essa sociedade não está isenta de discursos contraditórios, discursos que funcionam como reações conscientes a um quadro materialista ou, talvez, justamente como produto dele. São os discursos místicos, espiritualizantes que contemplam realidades surrealistas, extraordinárias em que seus sujeitos têm poderes que humanos mortais não possuem. Referem-se aos imaginários culturais, religiosos ou laicos, que podem representar gritos de protesto contra uma sociedade que distancia o ser humano da realidade e da dimensão espiritual da vida. Ironicamente, discursos que pretendem oferecer soluções para os problemas sociais, materiais, físicos e existenciais das pessoas, contudo, alienam ainda mais os indivíduos do seu próximo, de Deus e do próprio sentido da vida plena.

No âmbito religioso popular, a qualidade de vida e bem-estar físico e material são frequentemente oferecidos em troca de certas concessões e de total entrega a Deus. A longevidade e a qualidade de vida são implicitamente oferecidas como direito dos mais fiéis.

Nesta passagem de Isaías, o profeta parece reagir contra um condicionamento essencialmente antropocêntrico ao privilégio de pertencer à nova comunidade dos “escolhidos” e dos “benditos” de Javé, condicionamento este geralmente instrumentalizado pela lei e pelos sacrifícios. O estabelecimento do novo céu e da nova terra implica, portanto, a constituição de uma nova comunidade cujas características, ainda que se assemelhem a diversos elementos da tradição da comunidade da aliança, são marcadas por um ato do próprio Javé. Daí, o autor rejeita um discurso de que a restauração do povo se desse por meio de uma solução simplista de obediência a determinados princípios éticos da aliança. Essa restauração exigia uma transformação radical de Jerusalém e de “seu povo” que somente um ato criador de Javé era capaz de realizar. Nenhum projeto político, religioso e econômico humano seria capaz de promover essa transformação.

Portanto, a mensagem do profeta para sociedade moderna, de um lado, denuncia a supervalorização do material, do físico, da autorrealização e do narcisismo das pessoas; de outro lado, oferece um sentido de vida como dádiva de Javé que se materializa sim no desfrute do trabalho, na harmonia com o próximo e com o próprio Javé. Além do mais, retrata a plenitude de vida não

apenas no número de anos vividos, mas na capacidade de gozar de forma digna do esforço do trabalho.

Conclusão

A sociedade moderna, notadamente em tempos de paz, prosperidade econômica, estabilidade política e relativo acesso à saúde, oferece amplos indícios de que a média de vida da população vem aumentando e, conseqüentemente, a crescente população idosa da sociedade requer atenção e cuidado. Infelizmente, numa sociedade de consumo, a principal preocupação com essa faixa etária da população é garantir a sua capacidade de atividade econômica a fim de que continue adquirindo bens de consumo e serviços. Daí o interesse das empresas em atender esse tipo de consumidor. No entanto, apesar de boa parte dessa população idosa poder se beneficiar de direitos materiais e financeiros acumulados durante a vida, não significa necessariamente que gozem de boa qualidade de vida nem que isso retrate a realidade de boa parte da população idosa do país.

A análise de Isaías 65,17-25 na perspectiva da longevidade impõe uma reflexão sobre as condições de vida dessa parcela idosa da sociedade. Ainda que os avanços das ciências médicas, a segurança pública e as condições de trabalho, mobilidade e saúde possibilitem ao indivíduo viver mais anos, não significa que esses anos estão sendo desfrutados com alegria nem que retratem o viver “como uma árvore”. Longevidade na perspectiva da promessa desse texto não se resume ao número de anos, mas à qualidade de vida. O velho que completa os seus dias também é aquele que desfrutará do trabalho de suas mãos. Isso é ao mesmo tempo dádiva de Javé e consequência das condições básicas de vida de uma sociedade, assim como da valorização do sentido essencial da vida humana em harmonia com seu criador e seu ambiente social, econômico e religioso.

Referências

ALEXANDER, T.D.; ROSNER, B.S. *Novo dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Vida, 2009.

AZEVEDO, G. *Século 21 em ação: longevidade é desafio para a medicina e a sociedade*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2014/01/04/seculo-21-em-acao-longevidade-e-desafio-para-a-medicina-e-a-sociedade>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

BLENKINSOPP, J. *Isaiah 56-66: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 2003. (The Anchor Bible Commentary, 19b.)

BOTTERWECK, G.J. *Theological dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980, v. 4-5.

BOTTERWECK, G.J., RINGGREN, H., FABRY, Heinz-Josef (orgs.). *Theological dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, v. 10.

CALVIN, J. *Commentary on the book of the prophet Isaiah*. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1853, v. 4.

CHILDS, B.S. *Isaiah*. Louisville: Westminster: John Knox, 2001. (Old Testament Library).

CROATTO, J.S. *Isaiás: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 3.

DELITZSCH, F. *Biblical commentary on the prophecies of Isaiah*. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

HANSON, P.D. *The Dawn of apocalyptic: the historical and sociological roots of Jewish apocalyptic eschatology*. Philadelphia: Fortress, 1979.

HARRIS, J.G. Old Age. In: FREEDMAN, D.N. (org.). *The Anchor Yale Bible dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v. 5.

HARRIS, R.L.; ARCHER Jr., G.L.; WALTKE, B.K. *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KOOLE, J.L. *Isaiah III*. Volume III: Isaiah 56-66. Leiden: Peeters, 2001. (Historical Commentary on the Old Testament).

LANE, W.L. *Salvação integral: uma análise sêmio-discursiva de Isaías 65,17-25*, 2011. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia/Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2011.

NAKANOSE, S. Novos céus e nova terra (Is 65,17–66,4). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 65, p. 48-61, 2000.

SCHÖKEL, L.A; SICRE-DIAZ, J.L. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SCHRAMM, B. *The opponents of third Isaiah: reconstructing the cultic history of the restoration*. Sheffield: Sheffield Academic, 1995.

WATTS, J.D.W. *Isaiah 34-66*. Waco: Word, 1987. (Word Biblical Commentary, 25).

WESTERMAN, C. *Isaiah 40-66: A Commentary*. Philadelphia: Westminster, 1969.

WILKEN, Robert L. (org.). *Isaiah: interpreted by early Christian and medieval commentators*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007 (The Church's Bible).

WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

William Lane
Rua Martinho Lutero, 277 – Gleba Palhano
86055-670 Londrina, PR
blane@ftsa.edu.b